

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

A FALÁCIA COMO EFEITO DE PERSUAÇÃO NO DISCURSO RELIGIOSO

MAGNANI, Cristiane de Souza¹

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a capacidade de persuasão dos líderes religiosos, por meio de técnicas de oratória e de retórica, o que leva muitos dos seus seguidores a negarem as descobertas científicas e a aceitarem como verdade muitos mitos criados por profetas da antiguidade. São trazidos conceitos de autores que falam sobre a temática religiosidade, o sagrado e o profano, bem como a análise do discurso. Este estudo se justifica tendo em vista a grande influência da religião nas sociedades da atualidade, tanto tradicionalistas, como modernas, o que se caracteriza por uma forte relação de poder sobre os comportamentos e dogmas seguidos pelos seus membros. Desse modo, torna-se relevante a temática em questão, uma vez que em nosso país existe uma grande diversidade cultural e religiosa. Neste artigo, são utilizados conceitos de diversos autores, tais como Croatto (2001), Eliade (1996) e Luz (2001).

Palavras-chave: Discurso religioso. Persuasão. Religiosidade.

1 INTRODUÇÃO

Um dos temas mais debatidos no meio acadêmico é o papel da religiosidade na vida política e social das sociedades, tanto tradicionais, como modernas. Observamos uma relação de poder da religião sobre os comportamentos e valores seguidos, da mesma forma que a mídia e outras instituições influenciam o comportamento social. Temos visto, no século XXI, a popularização de grandes eventos em que se reúnem multidões de fiéis ao redor de uma autoridade religiosa, bem como a reconfiguração da linguagem religiosa. Por autoridade religiosa, se entende aquela concepção teológico-confessional, onde as lideranças são impostadas de certa autoridade que seriam instituídas por uma instância divinatória de proporções transcendentais, denominadas: ora como o sagrado, ora como o divino. Nesse contexto simbólico, estas autoridades religiosas teriam o direito e o dever de falar e agir em nome do sagrado ou divino.

¹ Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professora das Faculdades Santa Cruz de Curitiba.

Ficamos chocados com as atrocidades cometidas por Adolf Hitler contra os judeus no Holocausto, com os terroristas suicidas do Oriente Médio, mas, ao analisarmos os diversos líderes religiosos, notamos algo em comum entre eles: o seu poder persuasivo de oratória para seduzir e arrebatar multidões. E para muitas pessoas, certos mitos passados pelos profetas do sagrado valem mais do que os fatos concretos da Ciência.

No presente trabalho, faremos algumas reflexões sobre o poder de persuasão dos oradores religiosos, apresentando conceitos de alguns autores que discutem o tema religião e religiosidade, como por exemplo, a reconstrução do sagrado e o pensamento simbólico, e análise do discurso. Analisaremos também trechos do vídeo do líder da Igreja Batista e diretor do HeartCry Missionary Society, Paul David Washer, cuja pregação *Fire and Brimstone*, teve grande repercussão na internet no ano de 2002.²

2 O SAGRADO E O PROFANO

A partir do século XIX, diversos autores estudaram o tema do Sagrado, dentre eles, Eliade (1992, p. 16-17), que afirma que “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”. O Profano é o comum, o mundano, algo sem um significado que remeta à realidade superior; o Sagrado, por outro lado, é o incomum, aquilo que está à parte, que necessariamente, uma ligação para a realidade última. Para o autor o campo sagrado manifesta-se na verdade absoluta:

Tudo que os mitos contam a respeito de sua atividade criadora – pertence à esfera do sagrado (...). Em contrapartida, o que os homens fazem por própria iniciativa, o que fazem sem modelo mítico, pertence à esfera do profano: pois é uma atividade vã e ilusória, enfim, irreal (Idem, ibidem, p. 85).

Eliade (1992, p. 17) chama a manifestação do sagrado de “hierofania”. Todas as religiões, desde as mais primitivas às mais complexas, instauram o Sagrado no mundo, a partir do valor que o homem dá à sua vivência no Cosmos, mostrando seu caráter inerentemente simbólico. A partir da conceituação de Sagrado e Profano em Eliade, certificamo-nos que a diferença entre dois objetos é a posição em relação a cada um deles. A história da humanidade mostra-nos que o Sagrado e o Profano são duas maneiras de ser no mundo,

duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à

² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=cncEhCvrVgQ>. Acesso em: 21 abr. 2017.

sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser ‘sagrado e profano’ dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos, e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana (Idem, ibidem, p. 20).

O que torna algo sagrado ou profano é apenas o modo de olhar, portanto, o homem religioso demonstra a sua visão de religião de acordo com a sua interpretação do mundo em que vive, repleto de significados em muitos campos da vida do conhecimento moderno.

E na construção da identidade do homem religioso, pode-se notar que este, sobretudo, mantém o sagrado, elemento distintivo em seu discurso e comportamento. Em sua diversidade de formas (crenças, religiões, etc.), o sagrado elimina tudo aquilo que é profano, exigindo do homem religioso, modos de pensar e agir, que devem ser seguidos. Nesse contexto, o campo em que o discurso é feito sempre mostrará a presença do sagrado, como elemento regulador do ser. A relação entre os atores implica o exercício de funções bem distintas: de um lado, Deus, considerado o ‘totalmente outro’ (Otto, 1992, p. 38), desconhecido e reverenciado; e do outro, o ‘homem religioso’, submisso e reverente. Nesse sentido, o homem se sujeita a Deus, reconhecendo sua autoridade e seguindo seus preceitos determinados, seja por meio de um livro, de uma revelação, de um profeta, entre outros.

Todavia, tanto esse campo, como a relação são percebidos em discursos produzidos pela língua. Assim, convém salientar a presença específica de um modo, de uma construção textual que ilustra as marcas de identidade do homem religioso presentes no discurso. Essas marcas podem ser vistas não apenas no campo das ideias (ou seja, no conteúdo doutrinário), mas também nas escolhas linguísticas feitas por tradutores em versões de textos sagrados, que se revelam como elementos distintivos da comunidade religiosa.

3 O PENSAMENTO SIMBÓLICO

De acordo com Cassirer (1994, p. 54), a criação do mito, da religião, da linguagem, da arte, da história são todos símbolos, que completa o homem como ser humano. É ele que produz esses mundos, criando significados baseados em suas experiências, dentro de uma estrutura social e cultural. É por isso que Cassirer diz que deveríamos definir o homem como animal *symbolicum* e não como *rationale*.

Segundo Cassirer (1994), o homem distingue-se dos outros animais pela sua atitude simbólica, na qual o objeto é designado através do símbolo, e a criação do símbolo origina o mundo da cultura. E, para Cassirer (1994) e Eliade (1996), o símbolo tem um sentido

espiritual e corresponde a uma experiência particular, de uma qualidade original e irreduzível, que é o Sagrado. Não existe, então, pensamento simbólico sem a categoria do entendimento ou a consciência do Sagrado.

Para Cassirer (1994), os símbolos pertencem ao mundo de significados, logo, todas as relações simbólicas são relações significativas. Cassirer nos apresenta os símbolos como o campo intermediário entre o espírito e a matéria. A significação que cada símbolo possui nos faz ultrapassar a posição do sujeito e objeto, a livre espontaneidade da mente e a inércia dos sentidos. Isso nos coloca de uma forma mútua e com uma interdependência entre as coisas do mundo e o espírito, uma vez que a função inerente do espírito humano é procurar sua realização no mundo dos sentidos e sua revelação, ao dar forma à matéria sensorial.

O símbolo tem o poder de reunir, permite-nos uma relação do presente com o passado, a conjugação do visível com o invisível, do ser com o não-ser, possibilitando, assim, um reencontro e, desta maneira, constituem uma unidade. O símbolo impõe-se, sobretudo, como abertura e promessa, como o princípio de movimento e de orientação, como um sentido oculto que o indivíduo traz consigo. Existe uma relação que a razão não pode definir e, de certa forma, o símbolo nos permite apreender. Ele vai além da consciência e desvendá-lo é um grande desafio, acompanhando e atingindo tudo o que o homem faz. Para Cassirer, o conhecimento humano é, por sua própria natureza, um conhecimento simbólico.

É evidente que o pensamento simbólico e o comportamento simbólico tenham traços mais típicos da vida humana e que todo sistema da cultura humana está baseada nessas condições (Cassirer, 1994, p. 141). É imprescindível que, nesse instante, façamos, aqui, uma distinção entre o real e o possível, ou seja, entre as coisas reais e ideais.

Um símbolo não existe realmente, não faz parte do mundo físico; na verdade, ele tem um sentido. Nos primeiros seres humanos, esses dois âmbitos eram confundidos, porque os antigos viam os símbolos como algo dotado de poderes mágicos ou físicos (criavam o mito para explicar certos fenômenos, e isto é simbólico). Com as transformações da humanidade, a cultura, mais purificada, distinguiu as coisas dos símbolos, ficando, também, mais clara a distinção entre realidade e possibilidade. Na perspectiva de Cassirer, as formas simbólicas culturais podem ser indicadas como sendo “órgão da realidade” ou configurações dirigidas ao ser.

Segundo Eliade, (1996, p.9), "As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser". E o pensamento simbólico se manifesta no discurso religioso.

Luz (2011, p. 105) afirma que, diferentemente da Idade Média, época em que o ideal da Cristandade era visivelmente manifestado, a Idade Moderna foi marcada pela incapacidade de o simbolismo religioso manter o plano político da sociedade. A religião começou a perder o papel de elemento de sustentação do Cosmos na sociedade, devido aos avanços científicos e tecnológicos. No entanto, intimamente, os homens mantinham a necessidade de proteção de Deus, restando à religião apelar para a emoção do indivíduo, servindo como um pilar de sustentação em um mundo fragmentado.

Já não se tentava, segundo Luz (2011, p. 106), explicar o macrocosmos e construir uma visão de mundo (*weltanschauung*, em alemão), mas atingir o indivíduo em sua efêmera percepção. Erguiam-se magníficos templos e catedrais como se fossem miniaturas do Universo criado, ou seja, do próprio Cosmos. Nos dias atuais, ao entrar em uma dessas construções, o cristão terá um sentimento de nostalgia e refúgio num *corner* sagrado em meio a um mundo sem Deus.

Hoje os sistemas de crenças mais atraentes são os espetáculos de efeitos visuais que levam o indivíduo à euforia catártica (vem de catarse, que significa purificação espiritual por meio do emocional), às lágrimas, fazendo-os experimentar a religião de forma subjetiva, e não como fundamento do Universo. E é através do discurso religioso que multidões de fiéis são atraídas por líderes religiosos.

O discurso religioso representa uma cosmologia autônoma em três níveis: num espaço superior estão os deuses bons; na Terra, estão os homens; e, abaixo da terra, estão os deuses maus. Ele cria um cosmos e nele estabelece a situação espaço-tempo empírica, de sua enunciação. Por isso, o pensamento simbólico tem feito parte da história da humanidade hoje. Nem mesmo o crescimento do pensamento científico, com seu racionalismo empírico, conseguiu eliminar ou diminuir a força do pensamento simbólico. O sujeito tem uma visão global do homem e do cosmos, num espaço infinito e num tempo eterno, capaz de manter e absorver os espaços e os tempos dos outros tipos de conhecimento.

Por meio do pensamento simbólico, o indivíduo adquire algo como um conhecimento absoluto do seu destino e da sua significação, dando sentido a sua relação com o cosmos. Existe uma lógica do símbolo, ou seja, certos grupos de símbolos se mostram harmoniosos, logicamente encadeados entre si, ou seja, podemos formulá-los sistematicamente, traduzi-los em termos racionais (ELÍADE, 1996, p. 33).

4 LINGUAGEM

A linguagem sempre foi reconhecida como um intermediário entre o homem e as coisas. Ela se apresenta como um universo de signos que permite aos homens a comunicação entre si, referindo-se aos entes ou seres do mundo. Esta, por sua vez, é o mais importante processo simbólico, sendo que ela distingue os homens dos demais seres, pois, enquanto os animais respondem imediatamente à ação da natureza, o homem, por sua vez, temporiza sua resposta, pois ele se utiliza de um universo simbólico.

A linguagem, em Cassirer, é constituída por todo um sistema de símbolos que está apto a servir como meio de comunicação entre os homens. O mundo dos homens não poderia começar com o pensamento abstrato ou com uma linguagem racional. Tinha de passar pela era da linguagem simbólica do mito e da poesia. As primeiras nações não pensavam por conceitos, mas por imagens poéticas; falavam por fábulas e escreviam em hieróglifos. (Cassirer, 1994, p. 251). O homem primitivo sentia-se rodeado pelo perigo, então, criava mitos, deuses e demônios como formas mágicas de proteção ou identificação do oculto. Agregava-se aos deuses para livrá-lo dos demônios. Toda relação entre o homem e a natureza era expressa de forma simbólica; a linguagem, a comunicação entre ele e a força da natureza não era uma coisa inanimada, pelo contrário, existia muita vida, uma força vital que os interligava. O homem, então, gradativamente, foi percebendo que, entre a sociedade de humanos e a “sociedade viva”, na natureza, poderia existir uma relação menos misteriosa, uma nova realidade.

Assim, a função mágica da palavra foi substituída por uma função semântica. Não podendo mudar a natureza das coisas e nem a vontade das forças ocultas, “deuses e demônios”, o homem percebe que o aspecto decisivo não é só de caráter físico, é muito mais de caráter lógico. Neste primeiro momento, o homem estaria desprendendo-se da linguagem mitológica para uma linguagem simbólica.

Na visão de Cassirer, percebemos a importância, no mundo humano, da faculdade da fala, quando o homem, nesse instante, deixa de ser um mero receptor dos fenômenos físicos da natureza e passa, então, a sujeito ativo, sujeito falante. A linguagem simbólica faz parte do mundo humano e se transforma de via de acesso do mundo para a via de acesso ao mundo do pensamento. A linguagem simbólica nos permite, então, uma relação análoga com o ausente, ou seja, com o não-ser.

O homem, como o conhecemos, vê-se em meio às suas emoções imaginárias, suas ilusões, fantasias e sonhos. Ele se cercou de formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos

míticos, e não pode mais ver algo, exceto por intervenção do meio artificial, do símbolo. Pode-se dizer que se tornou um animal *symbolicum*, que vive em um universo simbólico, como diz Cassirer.

Dizer que somos seres que possuímos a fala, seres falantes, significa dizer que temos e somos linguagem. Ela é, então, uma criação humana, ela nos envolve e nos habita. Será, então, pela manifestação da palavra com o seu poder simbólico que a linguagem nos colocará em relação com o ausente? Aqui, pede-se, então, uma resposta estritamente de Cassirer: só o símbolo tem a capacidade de nos indicar, de representar, remetendo-nos às coisas, exprimindo-as, não só através de palavras, mas pelas ideias, valores, referentes até a seres inexistentes, visto ser a linguagem simbólica inseparável da imaginação.

A linguagem por essência é metafórica e incapaz de descrever as coisas diretamente, conseqüentemente, remete-se, então, às formas de descrição simbólicas. Portanto, antes de tudo, o sentido simbólico deve ser natural, e deve ser explicado como sendo a verdade, unindo-se com a realidade. O simbolismo, como descrição linguística não é só uma relação natural entre o ser e o não-ser, é o momento em que há uma relação de identidade, é a manifestação do ser, é a fala, é o momento da revelação do ser. A originalidade de Cassirer, portanto, está no fato de acentuar a importância da expressão simbólica, descrevendo o homem como um animal *symbolicum*, que vive numa busca incansável daquilo que, por si só, nunca chegará a compreender, pois o seu espírito está vinculado à função sýgnica.

5 O DISCURSO RELIGIOSO

O sagrado se manifesta através dos símbolos na religiosidade. Cada símbolo representa a linguagem essencial da experiência religiosa (Croatto, 2001, p. 81). Desse modo, todo ato litúrgico-religioso realizado pela instrumentalidade de líderes instituídos possuem características simbólicas que remetem a instâncias hierofânicas e divinatórias, ou seja, todo ato religioso é compreendido como uma vivência específica do encontro entre o ser humano e a simbologia do sagrado (Croatto, 2001, p. 57).

Assim, os principais mediadores entre o elemento humano e o divino tornam-se obrigatoriamente as lideranças religiosas resguardadas e protegidas pela concepção teológica da doutrina da autoridade. No discurso religioso, os líderes instituídos são considerados, pela comunidade devota, como sendo “porta-vozes” do sagrado. São eles que, no exercício de suas funções, atuam como principais responsáveis em administrar, consagrar e descrever os

significados dos símbolos, ou seja, as instituições religiosas constituem-se assim num espaço de interpretação, visto que atribuem aos elementos simbólicos funções espirituais.

Nessa perspectiva, o homem se faz falar na voz de Deus, sujeito absoluto, isto é, no silêncio do sagrado e do outro. O homem, através dessa suposta doutrina da autoridade religiosa, passaria a inscrever seu próprio discurso no interior do discurso do sagrado. Todavia, o sujeito fiel ou devoto não consegue estabelecer diretamente essa leitura, sobretudo na medida em que o mesmo se encontra “centrado”.

Segundo Orlandi (1996, p. 90), quanto mais centrado o sujeito, mais ele é ideologicamente condicionado. Para Orlandi (1987, 244), o discurso religioso é autoritário, pois se referencia em si mesmo, se qualifica em si, no suposto da perfectibilidade divina. O discurso religioso é “aquele em que fala a voz de Deus” e mais que os outros, tende naturalmente para a monossemia, já que este discurso tem como característica a polissemia contida.

Os líderes religiosos que arrastam multidões para igrejas e templos são, para os seus ouvintes, a voz autorizada de Deus, a expressão da verdade, em que o orador tem como “qualificação” esta Voz Suprema, sendo o agente expositor por excelência e unicidade o próprio Criador. Corrobora-se a isto a assistência de instrumentos simbólicos paralelos, como a palavra autorizada, que é a Bíblia, e o espaço autorizado, que é o templo.

No entanto, a argumentatividade, a persuasão e a manipulação impressas nos discursos dependem da ideologia do orador. Na Antiga Grécia, surgiram homens prolixos que se preocupavam com a arte do bem falar, e isso não correspondia necessariamente falar a verdade, mas à habilidade de persuadir o público.

Em seu livro *Onde a religião termina?*, o ex-sacerdote católico Marcelo da Luz (2011) fala sobre os líderes religiosos e o poder de persuasão. Segundo Luz (2011, p. 108), o discurso religioso é autoritário e utiliza de recursos para mascarar o autoritarismo, tais como, a sedução, a tentação, a provocação e a intimidação.

Analisando o discurso proferido pelo líder da Igreja Batista e diretor do HeartCry Missionary Society, Paul David Washer, notamos tais recursos:

1. Sedução:

“Eu não desejo a vocês o mesmo que seus pais. Eles querem segurança e boas casas para vocês. Eles querem que vocês tenham carros e respeito. Eu quero para vocês as mesmas coisas que quero para o meu filho, que um dia ele pegue uma bandeira, a bandeira de Jesus Cristo, e coloque-a num monte onde ninguém esteve antes e que ele clame: ‘Jesus Cristo é Senhor!’ mesmo que custe a vida do meu filho! Se quando ele tiver 18 anos, me disser as mesmas coisas que eu disse quando era jovem: ‘Eu vou para os montes, eu vou para a selva!’ e as pessoas disserem: ‘Você não pode ir,

você está maluco! É uma guerra lá! Você vai morrer!’ ‘Eu vou!’ Quando aquele rapaz colocar sua mochila nas costas, eu vou orar por ele e dizer: ‘Vá! Vá! Deus esteja contigo e se você morrer, meu filho, eu te vejo do outro lado e honrarei sua morte!’ Oh! Deus. Vamos orar. ‘Oh Deus! Eu não me importo com reputação. Eu não me importo com o que os homens pensam. Eu quero que o Senhor seja honrado! Eu quero que esses jovens sejam salvos!’ ”.

Notamos aqui uma tentativa do orador em atingir o seu público jovem, falando a sua língua, fazendo que o ouvinte identifique-se com o sujeito.

2. Provocação:

“Se o que eu lhes disser hoje não for verdade eu estou encrencado e por isso tenho que fazê-lo com temor e tremor, porque eu estarei condenado diante de Deus. Mas se o que eu disser para vocês hoje for verdade, então são vocês que têm motivos para temer e tremer. Porque se eu interpretar corretamente esta passagem das Escrituras que eu lhes darei, será como se Deus estivesse falando através de um homem.”

O orador, em tom dramático, desafia os ouvintes ao se colocar diante de sua própria provação, a fim de motivá-los a acreditarem em suas palavras.

3. Tentação:

“Oh! Que Deus brilhe neste lugar! Que viremos nossas costas para o pecado, que renunciemos as coisas que desagradam a Deus e, então, que corramos para ele e alegremo-nos nele e o amemos! Que Deus chame missionários!”

Nesse trecho, o orador induz o ouvinte a aceitar sua mensagem para agradar e ir de encontro a Deus e incita para que mais fiéis o sigam.

4. Intimidação:

“Nós falamos tanto sobre ser cristãos radicais. Cristãos radicais, não são pessoas que pulam em shows, não são pessoas que usam camisas gospel. Cristãos radicais são aqueles que carregam os frutos do Espírito Santo, são aqueles que respeitam e honram seus pais, mesmo quando sentem que seus pais estão errados. São aqueles que não – agora escute! Isso vai deixá-los irados, e estou falando com garotos e garotas. Cristãos radicais são aqueles que não se vestem sensualmente, para mostrar seus corpos.”

O orador usa sua “autoridade” para descrever o verdadeiro cristão, segundo seus preceitos.

Na Grécia Antiga, surgiram indivíduos convincentes que se preocupavam com a arte do bem falar, e isso não correspondia necessariamente falar a verdade, mas à habilidade de convencer e persuadir o público. Por esse motivo, a princípio, a retórica tinha uma conotação negativa, principalmente para Platão que a considerava como sofística. Os sofistas eram professores que iam de cidade em cidade, ensinando gramática e oratória, duas matérias vitais nas antigas democracias, como Atenas. Eles não se interessavam por pensamentos filosóficos

sobre a natureza do universo físico. Ao contrário, criticavam a moral convencional e a religião, e consideravam que virtude era a capacidade de ter sucesso no mundo. Esse movimento intelectual ocorreu nas cidades-estados gregas durante a segunda metade do séc. V a. C.

Os filósofos notaram muito cedo a presença da subjetividade na linguagem. Por conta disso, preocupavam-se cada vez mais com a verdadeira função da retórica, reconhecendo que a argumentatividade, a persuasão e a manipulação impressas nos discursos dependem da ideologia do orador.

Segundo Luz (2011), as pessoas que participam das reuniões e cultos religiosos sentem-se mais seguros diante daquela pessoa que é supostamente uma autoridade no assunto e possui conhecimento espiritual. Luz (2011, 114-115) enfatiza o desempenho dos “padres cantores” em shows musicais e na pregação da palavra da bíblia. Esses padres caminham sobre o palco e param, olham nos olhos de certos fiéis e dominam a situação com um discurso autoritário sobre a plateia totalmente passiva a qualquer interpretação, utilizando efeitos retóricos.

Analisemos tais efeitos em expressões retiradas do discurso de Paul Washer:

a. Vocativos. Reforça a relação de subserviência dos subalternos: “...*muitos naquele dia me dirão: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome?*”

b. Imperativos. Evidencia o discurso doutrinator, que aos fiéis o que se deve ou não fazer para se obter a salvação: “*Ouçam a Palavra de Deus*”.

c. Metáforas. Muitos oradores religiosos utilizam dessa figura de linguagem para reforçar o seu poder paternalista com os fiéis, como se fosse um contador de histórias: “*Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela*”.

d. Performativos. As palavras proferidas pelo líder religioso viriam revestidas do poder divino, dando a ilusão do diálogo entre o divino e o humano. O dizer em verbos e expressões performativos implica em fazer: “*Abra seus corações e mentes e faça com que vejam a verdade bíblica. Sobre sobre eles. Conceda arrependimento. Conceda fé. Traga-os ao Teu Reino, Senhor.*”

g. Evocações. A evocação de ideias e personalidades está presente no discurso religioso: “*A Bíblia diz nos profetas: que até as nossas maiores obras são como trapos imundos perante Deus*”.

Continuando a nossa análise de trechos do vídeo de Paul Washer, identificamos as falácias no discurso religioso. Segundo Luz (2011, p. 116-120), “falácia” refere-se a um erro de interpretação, que vai induzir o ouvinte ao engano:

1. Apelo à tradição. Quando se quer sustentar a verdade de uma coisa, baseando-se no fato de que ela foi repetida no passado para se tornar verdadeira no presente:

“E sabe, historicamente, uma das razões pela qual sou Batista do Sul é porque os Batistas do Sul sempre foram rápidos, enquanto outras denominações falharam em perceber isto. Os Batistas do Sul sempre foram rápidos em perceber que só há uma porta, só há um Deus, só há um mediador entre Deus e os homens e seu nome é Jesus Cristo.”

2. Apelo ao medo. Sugestão do que poderia acontecer com as pessoas, caso elas não sigam as ideias da religião: *“Então eu louvo a Deus por isso: que a única forma que qualquer ser humano, nesta Terra, será salvo é por meio de Jesus Cristo, e ponto final”*.

3. Falso dilema. Dentro do cristianismo aparece a díade paraíso-inferno. A vida humana é a base para toda a eternidade. Ou se aceita o desígnio da religião ou terá a condenação eterna: *“Meu amigo isso não é cristianismo. Eles não estão correndo perigo de perder o galardão, eles estão correndo o perigo de ir pro inferno! Eles não conhecem a Deus. O que nós ensinamos?”*.

4. Falácia da esperança. Se a ideia é desejável, então é verdadeira. Isso dá conforto e esperança aos fiéis, diante das indagações não respondidas em relação ao Cosmos. A ideia de que há um pai esperando de braços abertos no reino dos céus, no paraíso:

“Porque se eu interpretar corretamente esta passagem das Escrituras que eu lhes darei, será como se Deus estivesse falando através de um homem. E o seu problema não será comigo, será com Deus e a Sua Palavra. Então a única questão a ser decidida, aqui, nesta tarde, é esta: é este homem a nossa frente um falso profeta? OU será que ele está nos falando a verdade? E se ele estiver nos falando a verdade, então nada mais importa, exceto conformar nossas vidas a esta verdade.”

6 CONCLUSÃO

A análise dos conceitos teóricos e de trechos do vídeo de Paul Washer demonstrou que o discurso religioso se constrói a partir de uma contradição: utilizam-se recursos de linguagem e efeitos retóricos para persuadir e impor dogmas e preceitos aos ouvintes enquanto prega-se o amor, a fraternidade e a tolerância entre os “irmãos de fé”. Os líderes religiosos julgam-se, e são vistos assim pelos que o seguem, como porta-vozes do sagrado ou de Deus. Esse ambiente de linguagem simbólica permite a manipulação da verdade, visto que geralmente os discursos tornam-se autoritários, logo, fazendo com que ocorra na mentalidade do sujeito fiel a ilusão de vivenciar o sagrado e se distanciar do profano.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa.** São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos.** Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LUZ, Marcelo da. **Onde a religião termina?** Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2001.

OTTO, R. **O sagrado.** Lisboa: Edições 70, 1992.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1995.